

A Metamorfose: Uma análise à luz das Teorias Psicossociais Reichianas¹

Ícaro Higuêra Moura¹;

Périsson Dantas do Nascimento²

¹ Acadêmico concluinte do curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual do Piauí
² Psicólogo Clínico e Psicoterapeuta Corporal. Doutor em Psicologia Clínica (Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP). Trainer e Analista Bioenergético (Certificaded Bioenergetic Therapist - CBT) com Formação Internacional pelo Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo (IABSP). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro da equipe docente da Formação Internacional em Análise Bioenergética do IABSP e da Formação Internacional em Psicoterapia Biossistêmica (Instituto de Psicologia Somática - Natal/RN); E-mail: Perisson.dantas@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como proposta realizar uma análise a respeito da repressão sexual no qual o sistema econômico capitalista submete os sujeitos. Para isso, foi realizado uma análise literária da obra “A Metamorfose”, do autor tcheco Franz Kafka, para conectar essa com a teoria psicossocial de Wilhelm Reich. Nesse sentido, percebe-se a repressão sexual como uma ferramenta de controle; a opressão da classe mais rica através da classe mais pobre ocorre através do domínio ideológico, utilizando-se da repressão sexual, e, assim, criando sujeitos passíveis de dominação. Dessa forma, o personagem Gregor Samsa é a representação desse indivíduo oprimido que pensa somente na produção trabalhista a fim de adequar-se a uma classe dominante.

Palavras Chave: Psicanálise; Materialismo Dialético; Análise literária; Teoria Social Reichiana

The Metamorphosis: An Analysis in the Light of Reichian Social Theories

Abstract: This paper proposes to perform an analysis of respect for sexual repression in the capitalist economic system submitted to the subjects. To this end, a literary analysis of Franch Kafka's work "A Metamorphosis" was performed to connect this psychosocial theory of Wilhelm Reich. In this sense, sexual repression is perceived as a control tool; oppression of the richer class through the poorer class occurs through ideological dominance, utilizing sexual repression and thus creating subjectionable subjects. This form, the character Gregor Samsa, is a representation of this oppressed individual who thinks of producing only work with the end of an appropriate ruling class.

Keywords: Psychoanalysis; Dialectical Materialism; Literary analysis; Reichian Social Theory

Introdução

Este artigo tem como proposta realizar uma análise da repressão sexual à qual os indivíduos estão submetidos dentro do sistema econômico capitalista e sua influência no desenvolvimento de sintomas neuróticos.

¹ Artigo resultante do Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado de Psicologia



No capitalismo, há sensação contínua de urgência e aceleração do ritmo – baseada na ideia de que “tempo é dinheiro”, ou seja, quanto mais rápido o empregado produzir, menos capital é perdido na empresa. Nesse modo de produção, o sujeito empregado é impedido de expressar emoções e, conseqüentemente, descarregar sua energia libidinal, não há espaço para o afeto nas relações de trabalho, causando uma cisão interna, afetando também sua sexualidade, devido à energia estagnada que sustenta todo esse processo. Para ilustrar tal raciocínio, foi realizada uma análise literária da novela “A Metamorfose” de Franz Kafka, relacionando essa obra às teorias sociais elaboradas por Wilhelm Reich, visto que os dois autores criticam o modelo econômico capitalista vigente.

O interesse em me aprofundar no tema da repressão sexual relacionada ao sistema capitalista surge da importância em estreitar reflexões entre a psicologia social e política com a abordagem reichiana, dado que há poucas discussões a respeito desses assuntos no ambiente acadêmico. O desejo de realizar esse tipo de diálogo intensificou-se após a leitura da obra citada anteriormente, na qual observamos na jornada do personagem Gregor Samsa ao lado de sua família, a maneira como o sistema capitalista afeta o corpo e psiquismo do indivíduo e, por sua vez, todos que estão ao seu redor.

O autor tcheco-austríaco, Franz Kafka, abordava situações absurdas e grotescas com intuito de representar a realidade no início do século XX, expressando a angústia da sociedade diante da modernização decorrente da Segunda Revolução Industrial. Seus textos possuem importância na literatura moderna, já que os temas criticados por ele se mantêm atuais, mesmo um século depois. Em 1912, Kafka escreveu a novela “A Metamorfose”, o texto, que foi escrito em 21 dias, possui um narrador onisciente, tendo Gregor e sua irmã Grete como protagonistas e seus pais, os inquilinos, o gerente e a empregada doméstica como personagens secundários (CARONE, 2011).

A obra é uma das poucas publicações do autor. Narra a vida de um caixeiro viajante que adoece ao ficar cansado de tanto trabalhar, transformando-se em um inseto asqueroso e – assim – afetando negativamente a relação com sua família. O protagonista que antes era provedor financeiro torna-se o maior dependente da casa, o que gera raiva e repulsa de seus familiares. A novela surge como metáfora e crítica ao modo de trabalho de produção em massa imposto na segunda revolução industrial, no início do

século XX, e como esse modo de trabalho afetava a maneira como as famílias se relacionavam.

Dessa forma, propomos um trabalho de diálogo interdisciplinar entre a psicologia, sociologia e a literatura; já que a escrita literária funciona, para os psicanalistas, como um importante recurso da manifestação do inconsciente (NOBRE, 2010). Essa relação não é recente: Sigmund Freud utilizou da literatura, como a tragédia de Sófocles – Édipo Rei, para adquirir conhecimento sobre a subjetividade e com intuito de tornar a teoria psicanalítica mais acessível àqueles que não pertenciam ao ambiente acadêmico. Freud enxergava nas obras literárias formas de reconhecer e interpretar o autor por trás do texto, além disso, buscava uma forma de exemplificar a teoria da psicanálise através dessas obras. Rodrigues (2004) afirma que a perspectiva psicanalítica aos textos literários proporcionou um viés diferente dos personagens e os símbolos que compõe a trama literária, ou seja, a psicanálise possibilitou uma interpretação nova dos componentes presentes nas obras. Portanto, a obra literária é composta por um conjunto de símbolos, assim como afirma Rodrigues no trabalho *Crítica Literária e Psicanálise*:

O texto literário é constituído por um conjunto de símbolos. Daí decorre que, para compreendê-lo em sua essência, é necessário reconhecer e entender os símbolos nele contido. [...] Assim como o escritor que elabora as imagens de acordo com o seu mundo simbólico e as expressa conforme o seu desempenho linguístico, o leitor também reconhecerá as imagens de acordo com o seu mundo simbólico e as decodificará de acordo com as suas experiências existenciais e de leituras. (RODRIGUES, 2004, p. 60-61)

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise psicológica da novela “A Metamorfose” de Franz Kafka em seus diferentes elementos (narrativa, símbolos, personagens). Diante disso, procura-se promover uma reflexão a respeito das relações familiares estabelecidas pelo capitalismo presentes no livro; e a relação entre a repressão sexual – proveniente desse sistema econômico – com a formação de um sintoma neurótico. Portanto, esse artigo busca obter uma nova perspectiva dessa obra e, assim, proporcionar uma interface da psicologia corporal, em sua interpretação social e política, e a literatura. Além disso, o trabalho tem a intenção de aprofundar o tema da repressão sexual relacionada ao modelo socioeconômico capitalista, a partir das ideias



propostas por Wilhelm Reich, inspiradas no modelo de inter-relação entre o marxismo e a psicanálise.

Após a apresentação dos aspectos metodológicos, o trabalho será desenvolvido nas seguintes seções: a) breves considerações sobre Franz Kafka e a obra “A metamorfose”, em seus contextos sociais e literários; b) exposição dos principais conceitos teóricos da relação indivíduo e sociedade na obra de Wilhelm Reich; c) uma tentativa de análise e articulação da teoria com a obra e, por fim, as considerações finais.

Caminhos Metodológicos

Foram utilizadas a Análise Literária e a Análise de Discurso como ferramentas para investigação da obra kafkiana “A Metamorfose”. A Análise Literária consiste em um instrumento que capta as informações do texto, como por exemplo: as unidades temáticas; a linguagem escolhida na obra; o tipo de narrativa; as relações dos personagens entre si; o tempo e o espaço em que a estória perpassa, ou seja, examina e descreve todos os componentes de uma narrativa para que o leitor compreenda e elabore os significados ocultos e visíveis na obra literária. Assim, é possível assimilar os sentimentos e valores propostos pelo autor.

Moisés (2015) afirma que toda análise literária é composta por três elementos distintos, mas correlacionados, que são os elementos extrínsecos, formais e intrínsecos. O primeiro diz respeito aos aspectos exteriores a obra, ou seja, o contexto sociopolítico em que a obra foi escrita e a realidade emocional do autor; já o segundo busca investigar a técnica de composição, análise sintática e metafórica do texto; e o terceiro busca analisar o conteúdo, os símbolos e os aspectos interiores.

É necessário também ressaltar que toda análise literária é uma análise contextual, visto que toda obra é resultado de um ou mais autores que sofrem influência de seu meio e dos valores de sua época. Portanto, para esmiuçar um escrito é necessário investigar o cenário sociopolítico e emocional em que esta foi criada; reconhecer o período e a cultura em que o autor escreveu a obra nos dá informações a mais a respeito desse texto, evitando os equívocos de uma análise meramente sintática. Dessa forma, a

obra literária também funcionará como uma representação da época em que foi escrita e da visão de mundo do autor.

Já a Análise do Discurso parte do princípio de destrinchar uma fala, um escrito ou um conjunto de enunciados; possuindo como pressuposto que a linguagem não é transmitida com neutralidade e sim como um ato de construção social. Essa metodologia busca realizar uma interpretação, uma investigação detalhada do discurso, perpassando pelo texto escrito e o contexto nele inserido com intuito de melhor compreendê-lo. No entanto, essa análise nunca será a única forma de perceber o texto.

Composta por várias vertentes, a análise de discurso possui quatro temas principais para a investigação da obra escrita: o primeiro se interessa no conteúdo, a organização formal do texto, ou seja, como o próprio se apresenta – sendo ele escrito, uma entrevista ou uma fala; já o segundo tema, entende a linguagem como “construída”, isto é, produto de um conjunto de recursos linguísticos pré-existentes e que podem ser combinados de diferentes maneiras a fim de transmitir a mesma mensagem. Por exemplo, uma fala que pode ser dita por meio de ironia ou de uma metáfora.

O terceiro tema investiga as funções do discurso como prática social, uma vez que há sempre um objetivo ou ação por trás de cada fala ou texto, seja para apresentar, acusar, informar etc. Visto isso, chegamos ao quarto tema, no qual se afirma que, independente do caráter funcional do discurso, nele sempre haverá uma motivação retórica, já que a fala e texto são organizados com intuito de persuadir o receptor. (Bauer & Gaskell, 2002). Desse modo, utilizaremos para esse trabalho a análise de discurso pós-estruturalista, que busca olhar historicamente os discursos a fim de perceberem sua influência no meio social. Esse tipo de análise percebe a linguagem como parte do contexto em que está inserida e não somente nos detalhes escritos ou falados.

Breves Considerações Sobre O Autor e a Obra

Franz Kafka foi um escritor de contos e romances na língua alemã; nascido em 1883 – faleceu em 1924, na cidade de Praga, parte do Império Austro-Húngaro (antiga Tchecoslováquia). Pertencia a uma família judaica de classe média; seu pai, Herman Kafka, foi um vendedor de roupas de fantasia, caracterizado como um homem de

negócios egoísta e arrogante. Sua mãe, Julie, trabalhava ajudando o marido nos negócios da loja. Franz tinha cinco irmãos, seus irmãos morreram logo na infância, sobrando apenas três irmãs Valerie, Otilie ("Ottla") e Gabriele que logo depois morreram em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial (CARONE, 2011). A relação de Kafka com seu pai era muito conturbada, não se comunicavam, no qual ele retrata na carta para sua noiva Felice Bauer, o que influenciaria muito na sua escrita.

O seu curso de Direito o possibilitou ter acesso a autores como Goethe e Nietzsche e ainda possuía um cronograma que não o impedisse de escrever seus contos, romances e aforismos. O autor tcheco era fluente em francês, italiano e alemão – além de falar tcheco, sua língua nativa – no qual, aprofundou-se no último a fim de escrever seus contos e livros. Para Kafka, tudo que não envolvesse a literatura era visto como enfadonho, seus escritos eram uma forma de demonstrar angústias pessoais e ansiedades diante da sociedade – tanto que em seu testamento, ele pede a um amigo chamado Max Brod para queimar seus escritos caso morresse para que ninguém lesse. A escrita kafkiana possui diversas influências do existencialismo alemão que de acordo com Farthing (2010) foi um movimento artístico que possuía o objetivo de se opor a repressão e rigidez estabelecida pela sociedade burguesa – com o propósito de criticar sempre o capitalismo – e que acreditava no objetivo de retratar o lado obscuro da humanidade, distorcendo a realidade até o absurdo.

O livro aqui interpretado possui referências do realismo fantástico, devido ao uso de recursos absurdos e fantásticos – como a própria transformação de Gregor em um inseto – para a representação de algo dentro da realidade. Dentro do realismo fantástico, as personagens percebem os episódios grotescos e sobrenaturais que fogem à realidade – como os pais de Gregor percebendo sua metamorfose em inseto; os componentes absurdos da literatura fantástica são utilizados como metáforas para tratar de problemas sociais.

A obra retratada nesse artigo, "Metamorfose", foi uma das poucas obras publicadas pelo autor; foi escrita no fim do ano de 1912 e Kafka disse que a inspiração para o livro chegou até ele quando acabara de acordar e ao olhar para o teto ocioso, imaginou Gregor Samsa acordado na cama transformado num inseto grotesco. De acordo com Carone (2011), a novela "A Metamorfose" – além de possuir um caráter

pessoal do autor – propõe uma crítica social diante da existência material da família Samsa; ou seja, a relação do protagonista com seu trabalho corresponde a uma relação alienadora no qual o trabalhador é explorado dentro do regime capitalista. O protagonista é visto somente pelo que tem e não pelo que é; a família antes da metamorfose o parasitava por ele ser o único provedor financeiro da casa e por isso a existência de Gregor é material.

O livro é dividido em três partes, na primeira parte temos a introdução da personagem Gregor Samsa, um homem que acordou metamorfoseado em um inseto gigante, incapacitado de sair da cama e ir ao trabalho. Nessa parte, o protagonista sofre as primeiras consequências de sua transformação e a forma como é recebido pela família, ele se atrasa para o trabalho deixando todos da família apreensivos, a irmã logo começa a chorar; em seguida, o gerente visita-o e bate na porta do seu quarto, firmemente, para questionar primeiramente o atraso. Gregor, então, sofre com seus pensamentos autorrepressores e com a culpa de não ter ido ao trabalho a tempo. Diante disso, seu chefe inicia ataques a Gregor falando do seu desempenho fraco na empresa de caixeiros, seus pais tentam defendê-lo com a ideia que a protagonista pensa somente no trabalho e não faz mais nada além de trabalhar.

Na segunda parte do livro, apresenta-se o novo cotidiano do protagonista como inseto dentro da família e, conseqüentemente, a nova dinâmica dela. Sua irmã, Grete, passa a ter uma visibilidade maior dentro da família por arcar com a nova responsabilidade de cuidar do parasita. Essa parte da novela mostra a rejeição da família e como o herói Gregor Samsa sente-se com isso.

Na terceira parte, Gregor encontra-se abalado fisicamente e psicologicamente, inicia-se com o sofrimento do protagonista devido à disputa que teve com seu pai e a total exclusão da família. Os pais buscaram novos empregos, arrumaram inquilinos e deixaram de se importar com o protagonista. A mãe de Gregor já não demonstrava compaixão, pedia para Grete fechar a porta do quarto do filho deixando-o no escuro; a irmã já não se importava mais se Gregor comia ou não a refeição deixada, ela simplesmente limpava com uma vassoura como se o que ele tocou fosse repugnante também. Após a morte do protagonista, sua família se reuniu no quarto, choraram um pouco, expulsaram os inquilinos. A família saiu de casa unida em um bonde que iluminava com o sol; os pais perceberam que os empregos de todos eram vantajosos e

que a vida ficaria mais fácil, portanto pensaram que era melhor procurar um marido logo para filha que confirmou esse sonho ao ser a primeira a se levantar e espreguiçar-se no fim da viagem.

Tendo em vista essa breve síntese da obra, faz-se necessário trazer alguns elementos teóricos que darão subsídio para análise, ancorados no desenvolvimento conceitual de Wilhelm Reich e a relação entre indivíduo e sociedade.

A Teoria Social de Wilhelm Reich: Diálogos entre o Materialismo Histórico-Dialético e a Psicanálise

De acordo com Sharaf (1983), Wilhelm Reich, ainda vinculado à psicanálise freudiana, presenciou a morte de 89 ativistas do movimento político de esquerda pelas mãos da polícia em Viena, em 1927. Foi nesse mesmo período que começou a desenvolver um movimento social de prevenção das neuroses, tendo como foco a repressão sexual da juventude e sua articulação com ideias políticas. Tais fatos o impulsionaram a entrar para o Partido Socialista Democrata com intuito de compreender o descaso do Estado com a população e, depois, buscar uma elucidação científica para a dinâmica social emergente da época.

Reich acreditava faltar uma explicação vinda da psicanálise a respeito dos fenômenos sociais, apenas restringindo-se às manifestações psíquicas e individuais do sofrimento humano. No entanto, percebia também que o marxismo separava a dinâmica social econômica da existência individual afetiva como um todo, ou seja, recusava os processos psíquicos subjetivos e reconhecia o ser humano pelo o que tem e não pelo que ele pensa e sente; percebia o marxismo como uma ideologia rígida que dependia da economia e, assim desconhecendo o caráter subjetivo.

Em 1930, com a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha, Reich intrigou-se do fato de que grande parte da classe proletária votou no partido nazista mesmo contrariando seus interesses econômicos. Dessa forma, procurou realizar um estudo – o Materialismo Histórico Dialético e Psicanálise – articulando as ideias freudianas e marxistas com objetivo de encontrar a conexão do indivíduo com a sociedade; essa correlação baseava-se na ideia de que as neuroses sexuais eram formuladas através da repressão sexual criada pela moral da classe dominante (ALBERTINI, 2009).

A teoria marxista do materialismo histórico e dialético, utilizada por Reich para correlação com a psicanálise, é um método de análise da vida social; esse pensamento percebe a realidade como um conjunto de fenômenos concretos movidos pelas ações dos seres humanos ao longo dos períodos históricos, cujos eventos caracterizam-se por serem conflitos entre duas classes sociais contrárias. É chamada de materialismo por perceber que as relações sociais de produção nos definem como ser e pensar, ou seja, a forma em que os indivíduos manifestam sua vida material representa muito quem eles são; essas relações se estabelecem por serem as formas que os meios de produção e o produto são distribuídos e o tipo de divisão do trabalho numa sociedade em certo período histórico. Já o caráter dialético representa as contradições dessa vida social resultante de uma negação e superação de uma determinada ordem, isto é, os embates dos contrários para a criação de um novo produto (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA; 2002). No caso, para que exista produção de riquezas, é necessário haver os donos dos meios de produção e os que se submetem a esses donos para trabalhar e obter sua sobrevivência, numa relação conflituosa de poder.

Na visão de Reich, o materialismo na psicanálise poderia ser encontrado na formação de suas teorias: Sigmund Freud era médico e atendia seus pacientes durante o dia e escrevia à noite, ou seja, a psicanálise surgiu através de interações entre a teoria e a prática – retira-se, portanto, a possibilidade da própria ser um dogma e possibilita o autor de fazer reformulações na mesma. Assim, percebendo o materialismo não nos processos psíquicos, mas nos dados a respeito desses processos, era uma teoria que se fazia por meio do exercício contínuo do fazer clínico na atenção aos sintomas humanos.

Já a dialética pode ser observada no dinamismo da vida mental, na dinâmica conflitiva entre as instâncias psíquicas id, ego e superego e os destinos da pulsão. Por exemplo, a formação de um sintoma neurótico ocorre quando um impulso do id não é satisfeito, sendo muitas vezes, reprimido, devido à regulação social. Nesse caso, uma excitação física geraria uma *pulsão de autoconservação* (canalizada pela libido²), que

² A energia que é deslocada através das pulsões é chamada de libido, ela tem ligação com aspectos emocionais, psicológicos, fisiológicos e perpassa por todos os estágios de desenvolvimento do indivíduo; a libido, por conseguinte, se desenrola nas zonas erógenas, passíveis à excitação, e no aparelho sexual. Essas, por sua vez, são as fontes de excitação sexual que se estabelece como a superestrutura das funções psíquicas da libido, ligando-se originalmente sempre à base orgânica. A superestrutura modifica-se

possui o intuito de diminuir uma tensão, baseada no princípio do prazer e fuga do desprazer. Ou seja, acontece um movimento defensivo, caso a excitação seja ameaçadora ao ego ou superego, causando uma frustração, mas também um recuo dessa energia para o próprio corpo, na forma de encouraçamento.

Quando a excitação pulsional é interpretada pelo ego como não ameaçadora, ou não encontra repressão no ambiente externo, provoca no corpo uma necessidade de movimentar-se a fim de suprimir o desconforto, de forma que sua satisfação gera um relaxamento até a provocação de uma nova necessidade; por exemplo, quando um indivíduo sente fome, o movimento é de alimentar-se. Nas palavras do autor:

A tensão de uma excitação sexual aumenta o desejo, mas a satisfação adquirida ao longo da própria excitação suprime esta tensão, que ao mesmo tempo é um relaxamento. A tensão prepara também o relaxamento próprio, tal como a tensão mecânica de uma mola de relógio prepara a sua distensão. Inversamente, o relaxamento produz-se no máximo de tensão — por exemplo, no ato sexual ou, no caso de uma peça de teatro arrebatadora, a tensão que descontrai — ao mesmo tempo em que constitui também o ponto de partida para uma nova tensão (REICH, p. 44, 1977).

Como abordado anteriormente, a satisfação pulsional é limitada por regulações sociais. Na sociedade ocidental, o sistema econômico capitalista, por essência, é repressor, desenvolvendo nos indivíduos uma forma específica de princípio da realidade adequada aos interesses dos grupos sociais dominantes. Esse princípio surge como um conjunto no qual estão reunidas todas as imposições e pressões sociais que tendem a depreciar e retardar a realização do desejo e, assim, modifica o sujeito para procurar substituições para o alívio do prazer, como o consumo material elevado – ou seja – ele tem o objetivo de opor-se ao princípio do prazer primário, ser contrário às satisfações sexuais e afetivas primárias e oferecendo substitutos defensivos de acordo com os interesses econômicos e de poder dominantes (REICH, 1977).

O poder político produzido no capitalismo é a maneira legal e jurídica pela qual a classe economicamente dominante, possuidora de maiores recursos financeiros, mantém

qualitativamente e quantitativamente no decorrer da vida do sujeito, ou seja, a libido será mais intensa em determinados estágios da vida – como a puberdade – e diminuirá em outros – como a menopausa (REICH, 1977).

seu poder sobre as outras classes sociais. De acordo com Reich (1988), os donos dos meios de produção tendem a dominar as classes mais oprimidas através do domínio ideológico, ou seja, a ideologia da classe dominante é o sistema de pensamento vigente na sociedade; de forma a determinar as relações sociais, culturais e de produção. Portanto, esse sistema produz um princípio da realidade com objetivo de manter a ordem social de poder, ditando como a classe oprimida deve agir e pensar, principalmente o que não pode sentir. Assim:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, isto é, a classe que constitui a força material dominante da sociedade constitui também a sua força ideológica dominante. A classe que detém os meios de produção material detém também, automaticamente, os meios de 'produção' ideológica, de modo que domina, de maneira geral, os pensamentos daqueles a quem faltam os meios de produção ideológica. (MARX, 1984)

O indivíduo é apresentado ao princípio da realidade, determinado pela classe dominante, desde o momento em que nasce; a família – a primeira representação da sociedade para a criança – forma o sujeito de acordo com as ideologias no meio em que ela está inserida. Dessa forma, os pais ditam as regras de como a criança deve se comportar, pensar e sentir na sociedade, moldando o que lhe dá prazer; a criança, movimenta-se, então, de acordo com sua pulsão de auto-conservação para não ser rejeitada pelo seu meio social e, assim, recalca³ seu impulso obedecendo às regras morais (REICH, 1977).

No entanto, é necessário utilizar muita energia para conseguir recalcar as excitações pulsionais de forma completa. Esses impulsos continuam no inconsciente, portanto significa que o sujeito deve constantemente defender-se contra eles. A consciência, então, diminui sua capacidade de concentrar-se e produzir satisfação genuína de seus afetos e impulsos sexuais, ou seja, o indivíduo fica com seu ego enfraquecido, suscetível a dominação do autoritarismo e adaptação a esse meio social.

Reich (1988) estabelece que a repressão sexual, surgida com o estabelecimento do patriarcado autoritário e com a mudança do comunismo primitivo para o

³ O recalque é um processo psicológico que suprime a percepção de uma excitação pulsional. No estabelecimento de um limite para a pulsão muito cedo no desenvolvimento, o recalque é completo, o indivíduo perde completamente a consciência do que foi recalcado. (REICH & ALZON, 1972)



desenvolvimento da propriedade privada, está atrelada aos interesses econômicos da sociedade dominante. A família autoritária surge como a principal fábrica de homens e mulheres repressoras e apolíticas; a educação dada às crianças, por essas famílias, as torna submissas, obedientes e dóceis, ou seja, para se adaptarem ao desejo do Estado Autoritário Capitalista. A criança é, de forma constante, reprimida pelo medo do castigo por atos e pensamentos de origem sexual; a satisfação da sexualidade genuína da criança é, então, bloqueada da memória. Por outro lado, essa energia estagnada resultante do processo defensivo provoca uma tensão interna e conflitiva entre o id, ego e superego de forma que o ego, impossibilitado de satisfazer esses impulsos, os reconfigurando em sintomas neuróticos, como forma substitutiva de descarga.

Nesse processo, o indivíduo reprimido cria uma relação de amor e ódio com seu educador. A criança odeia quem o educa por reprimi-la, mas identifica-se com ele e, assim, conserva-o dentro de si (REICH, 1977), na forma de identificação com o agressor. Percebe-se que o objetivo do reprimido é tornar-se o repressor, fundamentando a criação de um sujeito autoritário e perpetuando o sistema de poder, na relação dominante/dominado.

A conservação subjetiva do educador repressor funciona de forma que o sujeito busca internalizar seu desejo, utilizando-se de outros subterfúgios para lidar com o conflito entre a frustração/repressão e o amor pelo cuidador. A culpa funciona, então, como uma ferramenta importante para o desenvolvimento desse processo; o que antes era obediência ao educador repressor ocorria por medo (ou por amor), transforma-se em bloqueio moral, assim, o sujeito constrói repressões internas para lidar com os impulsos impedidos. Esses processos modificam o sujeito a ponto de ressignificar seus anseios em atividades profissionais produtivas, como por exemplo: uma criança que gostava de brincar com as próprias fezes, na fase adulta torna-se um artista trabalhando com obras feitas de argila.

Dessa forma, percebemos que o sistema econômico capitalista reprime sexualmente o sujeito de acordo com as ideologias estabelecidas pela classe dominante, através do modo de educação familiar, religiosa e conceitos morais; diante disso, o impulso reprimido do indivíduo torna-se recalcado. No entanto, a excitação ainda permanece no campo inconsciente tornando-se uma angústia, representando a dialética da formação da neurose. A família – primeira instituição social para o sujeito – funciona



de forma autoritária fundamentando a moral sexual repressora, direcionando para as crianças qual caminho devem seguir para serem adaptáveis a essa sociedade autoritária e capitalista. A família autoritária não funciona como base para o Estado Autoritário, mas sim como uma instituição que cria indivíduos no quais formam esse Estado reacionário. Portanto, o indivíduo ao crescer sendo submisso aos desejos da família, também será submisso ao Estado e ao patrão, assim, conservando e renovando a repressão na sociedade.

Análise da Obra “A Metamorfose”: Um Olhar Psicossocial Reichiano

O livro, publicado na metade da Segunda Revolução industrial, com estética expressionista, tem um estilo de escrita bastante detalhista para retratar a realidade social da época, buscando criticar os modelos trabalhistas típicos desse período – o trabalho era um valor de existência e pertencimento, uma obrigação social – e as relações sociais e familiares giravam em torno do contexto do trabalho, dos papéis sociais relacionados à produção de bens e da sobrevivência da família. Caso o indivíduo não produzisse, esse não seria digno de viver dentro da sociedade, seria um pária, um parasita.

Essa perspectiva material da sociedade logo é demonstrada quando a família se desestabiliza emocionalmente ao perceber que o protagonista perde o primeiro trem para ir ao emprego; a mãe fica nervosa, o pai com raiva e a irmã mais nova tende a chorar desesperadamente. Ou seja, o filho – pilar econômico da família – se prejudicaria financeiramente caso faltasse ou se atrasasse. O autor procurou dar nome somente a Gregor para mostrar que ele é o único visto com uma identidade própria devido à capacidade de trabalhar; os outros personagens que compõe a família são chamados de pai, mãe e irmã. Dessa forma, o exercício da cidadania está atrelado à posição de inserção na cadeia produtiva, típica do sistema capitalista da Revolução Industrial.

Antes de ocorrer a metamorfose, a família parasitava Gregor, colocando suas expectativas particulares sobre o protagonista, pois o mesmo estava no papel de arrimo de família, sustentando com seu emprego todos os componentes. Na leitura do texto, percebe-se um modelo familiar caracterizado como autoritário; o protagonista tende a obedecer aos seus superiores, tanto os familiares quanto o chefe, mesmo tendo opiniões

contrárias a eles. Podemos observar nessa caracterização o modelo de família repressora abordada por Reich (1977) e seu processo de docilização dos impulsos agressivos.

O protagonista, após sua metamorfose, não consegue perceber inicialmente a sua mudança corporal como um inseto, como é percebido claramente por seus familiares. Nesse sentido, pensamos que a metamorfose de Gregor funcionaria como uma metáfora para o sintoma neurótico; é uma representação do cansaço do personagem, seu corpo modificou-se, colapsou, diante de sua dor psíquica, de viver sobrecarregado e sem sentido na família e nas relações de trabalho. Tornar-se inseto no contexto da obra relaciona-se, em nossa análise, com a perspectiva que a sociedade capitalista e sua família possuem dele: alguém incapaz de trabalhar não possui um lugar de pertencimento – seria um inseto inútil.

Percebe-se a melancolia de Gregor e a autorrepressão quando tenta dormir para que se sinta melhor; o protagonista encara sua tristeza como algo passageiro e sem importância, algo que ele não precise dar atenção, ou seja, ele nega a sua própria dor para tentar continuar a produzir. A dor do protagonista é vista quando esse não consegue mais trabalhar, acha exaustiva sua profissão e todas as consequências criadas por dirigir sua vida centrada na vida laboral.

O personagem não possui tempo para dedicar a si próprio ou a outros afazeres, sua família de caráter autoritário exige seu posicionamento de provedor financeiro, reprimindo qualquer atividade que não fosse o trabalho. Após ser reprimido pela família e pela sociedade, Gregor desenvolve uma série de mecanismos de defesa, culpa e racionalização como formas de justificar a continuidade no emprego, mesmo que insatisfatório, de maneira a satisfazer as necessidades e desejos de seus pais. Como abordado na seção anterior, esse mecanismo de autorrepressão é resultante das pressões familiares que sustentam como base a submissão e docilidade dos sujeitos ao sistema capitalista de produção. Apesar da defesa, os impulsos ainda permanecem na forma de conflitos internos que o sujeito precisa lidar constantemente. Podemos ver esses mecanismos internos de conflito e culpa no trecho da obra a seguir:

“Ah! Deus Meu’, pensou, ‘que cansativa profissão fui escolher! Dia após dia viajando! A agitação é muito maior que dentro do escritório, e ainda por cima me obrigam a essa cansativa de viajar, ter de me preocupar com os horários dos trens, com a alimentação ruim e irregular, com relacionamentos provisórios que nunca perduram e



nunca me trazem emoção. Para o inferno com isso tudo! ” (KAFKA, Franz, 2003, p. 8)

O protagonista é visto pelo chefe como uma criatura sem opinião e dignidade; o sistema capitalista, que permeia a obra, posiciona o herói como uma pessoa submissa e sem opiniões. A empresa privada que Gregor trabalha é a manifestação do autoritarismo, no qual a repressão sexual funciona como forma de controle de produção. O gerente de Gregor surge na obra como a representação do chefe autoritário, no qual não perdoa o atraso e as justificativas para o ocorrido. O modelo trabalhista na época em que foi escrita a obra é o modelo do Fordismo baseado na produção e no consumo em massa; Kafka buscou integrar esse modelo na novela com intuito de demonstrar a insalubridade nas horas extensas de trabalho e da falta do descanso para os trabalhadores.

A extensa insalubridade no emprego, a incapacidade de descansar e a grande utilização de energia para reprimir o próprio desejo de se demitir são os pontos cruciais para a metamorfose de Gregor Samsa. A metamorfose significa os sintomas do personagem no que diz respeito à dificuldade de sair da cama, a melancolia agravada, a falta de apetite, a autorrepressão e culpabilização quando a família menciona as dificuldades financeiras. A família, anterior à metamorfose, dependia totalmente do filho e após essa fatalidade, as posições mudam, a agressividade e a falta de lugar dos familiares vêm à tona, bem como uma posterior indiferença e a necessidade dos componentes buscarem também trabalhar. Os intensos desejos inconscientes de Gregor para mudar de profissão e enfrentar seu chefe são todos reprimidos devido ao medo do abandono familiar, que emerge e se intensifica no decorrer do conto, até sua morte. Podemos pensar nos argumentos reichianos que definem o amor e o ódio vividos na infância como os moldes afetivos que configuram as relações de dominação e submissão que os adultos viverão nos seus relacionamentos futuros.

O tratamento da família de Gregor modifica-se a partir do momento em que ele se torna um inseto; antes o chamavam pelo nome e após a transformação, passam a chamá-lo de “isso”. Os interesses capitalistas da família representam o modo como percebiam e sentiam o filho transformado, para eles o filho deveria pensar somente no trabalho; a existência material, o que ele podia produzir e o que ele consumia eram

nulos. Portanto a família percebia Gregor, a partir do momento em que o mesmo não poderia mais produzir, também, como uma criatura nula.

O protagonista assume a forma completa de parasita, tanto para família quanto para si mesmo. Passa a sentir-se cada vez mais culpado por não conseguir sustentar a imagem de provedor financeiro da família; então recalca a própria necessidade de descansar e se esconde como uma forma de autopunição. O capital produtivo torna-se, dessa forma, um personagem na trama em que todas as relações e problemas estão voltados a ele, como elo simbólico e regulador das relações, como podemos observar no trecho abaixo:

“Quando a conversa recaía na necessidade de ganhar dinheiro, Gregor sempre se afastava da porta e atirava-se no refrescante sofá de couro a seu lado, pois se sentia queimar de vergonha e de tristeza. [...] acossado por autocensuras e apreensões começou a rastejar, rastejar sobre tudo: paredes, móveis e teto e, por fim, desesperado, quando todo o quarto começou a girar à sua volta, caiu no meio da grande mesa. ” (KAFKA, Franz, 2003, p. 55; p.69)

Por fim, nos últimos parágrafos da novela, Kafka apresenta com pessimismo que o ciclo de exploração da família sobre os filhos se repetirá. Os pais, livres de Gregor que agora estava morto, projetam suas expectativas e desejos na filha com base nos seus conceitos morais – agora surge uma questão de gênero – pois o lugar da mulher nesse período era o casamento. Percebemos o ressurgimento de uma neurose autoritária, agora presentificada na repressão da sexualidade da filha que, antes era voltada para os cuidados com o irmão doente e, com o fardo livre, pode ser canalizada para um bom contrato de casamento. E assim a sociedade permanece em seu propósito, aprisionando as liberdades individuais em favor dos interesses econômicos e ideológicos mais amplos, como abordado nas últimas linhas do texto:

“Enquanto conversavam, o Sr. e a Sra. Samsa, quase ao mesmo tempo, vendo a filha cada vez mais animada, deram-se conta de que ela, nos últimos tempos, apesar de todo o tormento que lhe roubara a cor das faces, havia desabrochado numa linda e formosa garota. Mais calmos, e entendendo-se pelo olhar de modo quase inconsciente, pensaram que já estava na hora de procurar um bom marido para ela. E pareceu-lhes uma confirmação de seus novos sonhos e boas intenções o fato de, ao final da viagem, a filha se levantar primeiro e espreguiçar o corpo jovem. ” (KAFKA, Franz, 2003, p. 110)

Considerações Finais

De acordo com o que foi discutido, pode-se verificar na obra uma perspectiva de dominação cultural do grupo detentor do meio de produção, ou seja, dentro de uma sociedade num contexto econômico capitalista – a classe dominante determina como a classe oprimida deve comportar-se. A opressão da classe mais rica através da classe mais pobre ocorre através do domínio ideológico, utilizando da repressão sexual, e, assim, criando sujeitos passíveis de dominação.

As atitudes repressoras promovidas pela família autoritária, conforme Reich (1988), são utilizadas para inibir sexualmente o indivíduo, enfraquecendo seus recursos de satisfação afetiva e genital originais. Dessa forma, o ser humano torna-se submisso a seus educadores rígidos, internalizando-os e projetando-os posteriormente na relação com as autoridades. Percebe-se esse aspecto no personagem Gregor Samsa, um sujeito criado pela família autoritária – sufocada pelo sistema capitalista – adoeceu com tanto trabalho e nenhum descanso.

Fazendo uma correlação com o mundo atual, a sociedade do século XXI tornou-se uma sociedade do desempenho, da performance, de maximizar a produção. Os sujeitos buscam trabalhar exaustivamente com objetivo de acumular riquezas e ter acesso a compra de determinados objetos, atrelados a ideia de felicidade diante de bens materiais. O domínio da classe dominante na contemporaneidade existe a base do consumo: quem não consegue produzir da maneira certa e consumir determinados itens ficará a margem da sociedade.

O Estado autoritário do capitalismo submete as pessoas à intensa produção com a promessa de recompensas materiais, o domínio ideológico é entrelaçado ao consumo. O sujeito, na sociedade capitalista, não é visto pelo que “é” sim pelo que “consome”; para não ser excluído do meio social, o indivíduo tende a produzir para então consumir. No entanto, o cansaço surge como uma maneira de existir; é visto como consequência número um do desempenho máximo e da produção em massa, dessa forma, o descansar torna-se um crime, uma perda de tempo.



Assim, conforme sinaliza Reich, o sujeito é açoitado por autorrepressões por não produzir e é reprimido pelos seus pares por ser ocioso. Portanto, no século XXI, o domínio e a repressão sexual no capitalismo aparecem não só da exploração do outro para a produção, mas também a exploração de si próprio. Todos os indivíduos tornam-se o personagem Gregor Samsa; a vida torna-se redundante, o propósito de viver é somente ir ao trabalho. Tentar encontrar-se dentro desse sistema é desafiador, cabendo a poucos o privilégio de poder descansar. Percebe-se que o ato de descansar e encontrar-se no meio desse descanso torna-se um ato revolucionário, já que o sujeito não estará produzindo e nem consumindo nada além dele mesmo.

Referências

ALBERTINI, Paulo. WILHELM REICH: PERCURSO HISTÓRICO E INSERÇÃO DO PENSAMENTO NO BRASIL. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 135, p.159-176, nov. 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap. 10. p. 244-251.

BEDANI, Ailton; ALBERTINI, Paulo. Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 2, p.1-10, 2009.

CARONE, Modesto. **Essencial Franz Kafka**. São Paulo: Penguin Group, 2011.

FARTHING, S; CORK, R. **Tudo Sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 39, p.13-21, 1995.

KAFKA, F. **A Metamorfose**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 2002.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)**. São Paulo, Hucitec, 1984.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

NOBRE, Thalita Lacerda. Considerações sobre Psicanálise e literatura: uma leitura de Madame Bovary. **Psic. Rev.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.207-224, 2010.



PEREIRA, Ana Alice da Silva; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. Psicanálise e Literatura: Uma Proposta de Análise do Conto Berenice. **Revista Subjetividades**, [s.l.], v. 18, n. 2, 30 dez. 2018. Fundação Edson Queiroz. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692018000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2019.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

REICH, Wilhelm; ALZON, Claude. **Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura?** 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1972.

REICH, Wilhelm. **Materialismo Dialético e Psicanálise**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RODRIGUES, Odiombar. Crítica Literária e Psicanálise. **Revista Textura**, Canoas, n. 9, p.57-65, jun. 2004.

SHARAF, Myron. **Fury on Earth: A Biography Of Wilhelm Reich**. Nova York: St. Martin's Press/marek, 1983. 576 p. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/0e/Sharaf_Myron_Fury_on_Earth_A_Biography_of_Wilhelm_Reich.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

YUNES, Eliana. Análise e interpretação de obras literárias: Obstáculos entre obras e leitor? **R. Ced: Perspectiva**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p.68-74, jun. 1986.

